

A DIRETORIA DA ADUR E O MOVIMENTO DOCENTE

Depois da (auto)crítica ao movimento docente, me vem a pergunta inevitável: qual tem sido o posicionamento da Diretoria da ADUR neste quadro(negro)?

Passamos por uma das diretorias mais equivocadas da Associação, na gestão passada. Como fiz esta e outras críticas ao presidente na época, fico à vontade para repetir. Desde o uso de métodos "stalinistas" para barrar as críticas, até o imobilismo conivente, a gente viu acontecer de tudo naquele triste período.

É evidente que uma consequência imediata foi o afastamento dos associados das ações (reações) da diretoria. No meio desta confusão vêm as eleições para a reitoria e as eleições para o governo federal. O refluxo do movimento (muito parecido com o início da "nova república") serviu para complicar ainda mais a situação.

Assume a diretoria uma nova chapa. E o fosso entre a atuação desta diretoria e os associados continua. Vem a ameaça de intervenção do governo Collor, consegue-se fazer algumas assembleias razoavelmente cheias até que esta ameaça passe. Volta o fosso. Se os representantes da ADUR (a Diretoria) não conseguem uma comunicação razoável com a entidade (associados) como é que podem representá-la? Não podem. Acabam se representando e confundindo Diretoria com Entidade.

Não acho que esta situação se deva à falta de empenho das pessoas que compõem a Diretoria. Todos têm mostrado determinação de luta nas diversas situações que têm ocorrido. Para mim o que está acontecendo é uma análise e atuação políticas equivocadas. Felizmente não temos chegado aos absurdos da gestão anterior, mas para mim, a forma de encarar o movimento docente pela atual Diretoria (e aqui dá para estender à "grupo mais avançado" que participa das assembleias) não está certo.

A conjuntura sempre foi, é e vai continuar sendo adversa. Conservadorismo, carimbado nos resultados das últimas eleições para reitor. Corporativismo, caracterizado pela resistência à auto-avaliação e defesa dos "castelos acadêmicos". Desinteresse, reforçado pelo refluxo dos movimentos sociais no Brasil, em início do novo governo.

Tem alguma novidade em tudo isto? Era diferente quando a Diretoria atual assumiu? Não. Então temos que partir desta realidade. Não se deve citá-la como argumento para não se conseguir as coisas. Esta é a minha primeira crítica. Ir na assembleia da ADUR e ouvir que não se fazem as coisas porque só tem quinze pessoas na assembleia é uma meia verdade. O outro lado da questão é que ninguém vai às assembleias porque não se faz nada. Nunca vai ter ninguém se não começarmos a fazer as coisas que são possíveis fazer, com o número de pessoas dispostas e disponíveis, por menor que seja. Tem que quebrar este círculo vicioso.

Outro dado é que existe um número razoável de pessoas "potencialmente" dispostas a trabalhar. Vide o grupo de "progressistas" (estranha denominação esta) e os "conservadores moderados" (esta é nova mas também é estranha). Deve haver um jeito de mobilizar (palavrão já quase banido das assembleias da ADUR, chega a dar urticária em alguns professores) este pessoal para reforçar o trabalho da Diretoria. Ao mesmo tempo manter canais abertos de participação espontânea.

Aqui vale citar um grande exemplo - as terças musicais. Um grande projeto, que segundo soube, partiu espontaneamente de um grupo e que virou um sucesso. Este tipo de trabalho aglutina as pessoas em um momento de refluxo.

Segunda crítica: o trabalho que a diretoria desenvolve deve considerar o contexto que já foi citado - pouca gente e muita desmobilização - sem perder de vista a vontade de empurrar o movimento. De fazer ele crescer. Poderíamos começar com as coisas realizáveis, sem grandes pretensões, mas que apontassem para movimentos mais abrangentes. Ao invés de ir a reboque dos acontecimentos, programar uma ação progressiva.

Terceira crítica: ver um dirigente da ADUR ou da própria plenária, nas assembleias, com cara de Lazoni depois da copa, desanimados, dizendo que não dá, já inviabiliza qualquer proposta de crescimento. Tem que ter paixão, que eu acho que está faltando. Tem que acreditar no movimento.

Quarta crítica: este boletim às vezes parece que é editado na Bélgica e a gente aqui na Índia lê e não entende. Felizmente isto não acontece sempre, mas quando estava começando a ebulir a questão das demissões, saiu um número que falava dos serviços da xerox (parecia até o nosso antigo presidente), balanço mensal e etc.. Tinha, se não me engano um pequeno artigo sobre a conjuntura da Belíndia. Não deu para entender.

Quinta crítica: falta criatividade. Isto é uma síndrome nacional. Dirigente sindical parece que só conhece as análises da "esquerda ortodoxa" (essa não é tão estranha), assembleia e greve. Nada se cria. Nem as palavras de ordem. De repente alguém descobre que deixar o metrô funcionar sem cobrar passagem dá certo. Bingo! Vamos parar pra pensar - quantas formas de luta existem e quantas a gente tem usado?

Sexta crítica: a gestão da atual diretoria, para que se torne representativa, não pode ser voltada para uma parte da Associação. Não pode se dispor apenas a atingir e contar com o apoio dos "progressistas" (muito estranha mesmo) sem chamar para a participação e ter um trabalho também voltado para as outras correntes, que pela última eleição para reitor mostraram ser maioria. E não estou falando de xerox e Golden Cross. Tem que haver canais de participação de todas as "correntes", tem que puxar a discussão política, tornar a Universidade mais viva, maior interação. Sacudir. Colocar a cabeça fora para críticas e elogios. Se expor.

Abrir um parêntesis para uma crítica ao movimento (autocrítica). Esta divisão entre "progressistas" e "conservadores" é horrível. É a eterna mania corporativista de se agrupar com objetivos comuns para ganhar espaço (e às vezes o "aparelho") nas entidades. Depois que ganham, brigam para dividir a carniça. Este vício é muito da "esquerda ortodoxa", mas a "direita" faz muito melhor. Esta separação, aliás, de esquerda/direita também é pernicioso, mas ao menos é ideologicamente honesta. Certamente vão me acusar de "divisionista" para encerrar esta questão.

Para finalizar, gostaria de esclarecer que estas críticas não significam que eu acho que a diretoria da ADUR é culpada pela nossa desmobilização. Os professores da Rural são os responsáveis por este marasmo. No entanto, eu acho que se soubermos fazer, ouvir e discutir as críticas dos associados, podemos ajudar a mudar (ou caminhar para a mudança) deste quadro (que quem sabe, se torna verde?). O meu objetivo é levantar a discussão.